

Vuelvo otra vez a tu regazo eterno. Hijo pródigo fui que se destierra de la heredada paz y busca guerra por dulce hastío del hogar paterno.

Tú eras severo, sí, pero eras tierno. En ti medida y luz y amor se encierra para cantar la gloria de mi tierra antes que nieve sobre mí el invierno.

Cantar ahora cuando llega octubre del año y de la vida, ahora que, roja, la hoguera en la montaña se descubre

y la marina sueña, mansa, en Noja y el caloyo, feliz, topa la ubre. Mientras lenta en mi alma cae la hoja.

A Pablo Beltrán de Heredia

Gerardo Diego, Invocación al Soneto, (de) Versos Escolhidos; Editorial Gredos, Madrid 1970

Eu perdi minha vida, e o alento, e os amigos, e a intrepidez, e até mesmo aquela altivez que me fez crer no meu talento.

Vi na Verdade, certa vez, a amiga do meu pensamento, mas, ao senti-la, num momento o seu encanto se desfaz.

Entretanto, ela é eterna, e aqueles que a desprezaram — pobre deles! — ignoraram tudo talvez.

Por ela Deus se manifesta. O único bem que ainda me resta é ter chorado uma ou outra vez.

Louis Charles Alfred de Musset, Tristeza (trad. Guilherme de Almeida); de Obras Primas da Poesia Universal, Sérgio Milliet, 1963

Às vezes sonho o sonho estranho e persistente de u'a mulher que eu amo e me é desconhecida. Sempre a mesma não é, essa mulher querida, mas também, certo, não é outra, totalmente.

Ela me compreende e me ama... Tão somente a essa mulher desvendo o coração e a vida. Mas também minha frente, pela dor ferida, ela só é quem sabe afagar, docemente...

Ela é morena, ou loura, ou ruiva? — Eu o ignoro. Seu nome! Apenas sei que é doce e que é sonoro como os nomes de amantes que a Vida exilou.

Parece olhar de estátua o seu olhar vazio. E tem na voz, longínqua e calma, o lento, o frio, o triste acento de uma voz que se calou...

Paul Marie Verlaine, Meu Sonho Familiar (trad. Luis Martins); de Obras Primas da Poesia Universal, Sérgio Milliet, 1963

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano 6, Nº 08 — 2002, AGOSTO

Assinatura até Dezembro de 2002: 4 selos postais de R\$ 0,40

Ainda que não agrade, cada vez mais me convenço, temos demais em vaidade o que nos falta em bom senso.

Ziver Rita, em Fanal 0207

Há momentos de fraqueza, que só Deus pode entender e, com divina grandeza, nos perdoar e esquecer!

Alba Helena Corrêa, em Milênio 0109

Meus filhos, minha riqueza, meu amparo na exaustão, meu consolo na tristeza, luz na minha escuridão!

Benedicto N. Assis, em Trevo na Trova 0205

Paisagismo é a integração do homem ao meio ambiente... — A sublime evolução que faz o homem ser gente!

José Vitor de Paiva, em Trovaregret 0207

Arlequim, cara glutão, é... na língua, sem preguça. É crítica, o trapalhão. Corre das iras que atia!

Manoel Fernandes Menendez

Este amor tão limitado não consegue ser eterno, mas bem que vale um pecado que nos condene ao inferno...

Maria Lua, em BI UBT São Paulo 0207

Cuando me tiendo en la playa boca arriba en estas noches tan hondas y tan íntimas,

noches de claras, diáfanas maravillas, tan evidentes, tan nuevas tan antiguas,

la inmensidad se me abre sin orillas, sin linderos y sin márgenes, infinita.

Y qué ansias de hacer cándida mi vida para que Dios la contemple desde arriba.

Qué hermosura. Niño astrónomo. (Yo tenía

nueve años y estudiaba de puntillas,

torciéndome en el balcón, cosmografía:

Sirio. Antares. Betelgeuse...)

¡Ay qué líricas

las estrellas, qué profundas y qué limpias!

Y ver lo que hay más allá, más arriba, más detrás de las más altas, más encima.

Sí, cómo todas me llaman y me miran.

Parece que dicen: sube, date prisa.

Cómo se abre el horizonte y se amplifica cómo la onda de la piedra centrífuga.

Cómo crece el corazón, cómo rima con los astros y los ángeles y palpita

olvidado de la muerte y de la vida

...cuando me tiendo en la playa boca arriba.

Gerardo Diego, Impromptu, (de) Versos Escolhidos; Editorial Gredos, Madrid 1970

CONTOS DE ISE (ISE MONOGATARI)

Autor(es) Desconhecido(s). Poemas originais de meados do Século X em tancas (5-7-5-7-7), Contos VI, VII, XI, XIII e XV; texto adotado Den-Teika-hippon de Fujiwara no Sadaie, dito Teika (1162-1241). Em muitos dos contos o personagem é Ariwara no Narihira (825-879). Edições Paidós Ibérica, Barcelona, 1980

Era uma vez um homem. Durante anos manteve relações íntimas com uma dama a qual era difícil tê-la a seu lado. Finalmente conseguiu raptá-la e com ela fugiu em noite escura. Chegados no rio Acuta, ao observar as gotas do sereno sobre a planta, perguntou: “Que é isto?” Ele nada respondeu, pois estavam longe ainda de seu destino. A noite avançara, ribombava terrivelmente e a chuva caía com violência. O homem fez entrar a dama ao fundo de um celeiro em ruínas, sem saber que ali havia demônios. Com seu arco e sua aljava, permaneceu na entrada, desejando ardentemente a chegada do dia. Entretanto, um demônio devorou de um só bocado à dama. Esta lançou um grito: “*Anaia!*”, mas entre os estalos do trovão, ele nada pode ouvir. Quando chegou o dia, verificou. A dama que trouxera já não estava ali. O homem bateu o pé e chorou, mas tudo foi inútil. Compôs:

Estas brancas pérolas que outra coisa pode ser? respondeu eu: “é o orvalho do sereno”, em seu lugar sumiria.

Era uma vez um homem. Como se aborrecia na capital, partiu para as províncias do Este. Quando chegou à praia fronteiriça de Ise e Owari, viu levantar-se as brancas ondas e compôs:

Cada vez mais tenho dos lugares que deixei, saudade infinita. Não sabem quanto as injevo, mansas ondas, que retornam.

Uma vez, um homem que partira

para o Este compôs durante a viagem estes versos que enviou a seus amigos:

Lembrem-se de mim, inda que sigo distante como as nuvens seguem. Quando a lua percorrer o céu, nos encontraremos.

Uma vez, um homem que estava em Misashi, escreveu a uma dama que se encontrava na capital: “Se falo, me envergonho; se não falo, sofro”. No subscrito, em lugar de seu endereço, escreveu: “Sobre meus vínculos de Musashi”. Em seguida não deu mais notícias. Da capital a dama lhe escreveu:

Confiar em tais vínculos me aborrece, apaixonada embora. Confiar. Se por mim não os inquietas, sofro. Se inquietam, detesto.

Ao ler a carta ele recebeu uma impressão difícil de suportar e refutou:

Se peço notícias, não me aprova. Se não peço, passa a me odiar. Nestas circunstâncias, que homem não padece de paixão?

Uma vez, em Michinocu, um homem freqüentava a mulher de um homem de baixa condição. Dado que, curiosamente, ela não tinha um aspecto tão comum, o homem lhe enviou:

Pudesse existir para chegar em segredo um curto caminho, poderia então eu ver o seu coração, no íntimo.

A mulher não achou suficientes os elogios, mas quando o homem descobriu seu limitado espírito de provinciana do nordeste, que poderia ela fazer?

Tirem-me daqui a metafísica! Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquista; das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) — das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-a!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica. Fora disso sou doido, com todo o direito de sê-lo. Com todo o direito a sê-lo, ouvirem?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?

Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

Assim, como sou, tenham paciência!

Vão para o diabo sem mim.

Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!

Para que haveremos de ir juntos?

Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.

Já disse que sou sozinho!

Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul — o mesmo da minha infância —

eterna verdade vazia e perfeita!

Ó macio Tejo ancestral e mudo. Pequena verdade onde o céu se reflete!

Ó mágoa revisitada. Lisboa de outrora de hoje!

Nada me dais, nada me tirais nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não ardo, que eu nunca tardo...

E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

A plácida face anônima de um morto.

Assim os antigos marinheiros portugueses, que temeram, seguindo contudo, o mar grande do Fim, viram, afinal, não monstros nem grandes abismos, mas praias maravilhosas e estrelas por ver ainda.

O que é que os taipais do mundo escondem nas montras de Deus?

Álvoro Campos (Fernando Antônio Nogueira Pessoa, 1888-1935)

“Ao branco, o ananás maduro, ao preto, o podre — uma só lei. Ao branco, trabalho de rei ao preto, trabalho duro. (...) de Black and White	O negro resfolegou, apalçou a contusão, levantou a escova e se calou. Como saberia que com tal questão deveria dirigir-se ao Komintern em Moscou?” Maiakovski *	Amor é a palavra que metrifica os dias. O pasto passa de seco a cheio e com o amor é que se medem os dias. Vezes ele se perde no tabuleiro de nossos desejos, vezes se encontra na expectativa de um cotidiano melhor.	E no papo do dia só me vem essa estrada no final acaba tudo em risada. Pablo Capistrano, Anexo Poético I e VII; em Descoordenadas Cartesianas * em Três Ensaios de Quase Filosofia, 0112
---	--	--	--

da. O Zé, um tipo sofrido, sofredor e real, sem muitos sonhos e esperanças, ligado a migalhas e fácil de ser feliz.

Por outro lado, o Rodolfo era filhinho de papai, rico, bem vestido, dono de moto e carro do ano, barco e os cambaus. Não precisava trabalhar e nem sabia. Não tinha a menor idéia do que fosse sofrimento verdadeiro. Quando sofria, era por merda. A menor contrariedade era um drama. Um cara preguiçoso, mal habituado, sem escrúpulos, mas cheio de grana e de ótima aparência. Seus sonhos eram sempre altíssimos. Era ligado em grandeza e difícil de se contentar.

Um dia, Rodolfo estava de passeio em uma fazenda do pai, quando, valendo-se de um descuido da filha do capataz, esturpou a menina e se mandou de lá. O caso foi levado ao seu pai pelo pai da moça. Ele recebeu a notícia como se fosse a coisa mais natural do mundo, afirmando que os dois eram jovens e que seu filho era um rapaz muito impetuoso. Disse que a moça era muito jovem e tinha tempo de sobra para esquecer tudo. Além do mais, ele pagaria um bom dinheiro pelo aborrecimen-

to. O cara ficou desgraçado da vida. Quem não ficaria?... Afinal o cara tinha estuprado a moça, não a faturado simplesmente. Gritou com o patrão, xingou bastante pelo insulto recebido e afirmou que não ficaria assim, pois encontraria o Rodolfo e o mandaria para o inferno, que era o seu lugar.

Não prestou. Rico não se ameaça. É ficar calado e meter fogo, na hora oportuna. Não pôde cumprir a ameaça, pois, no mesmo dia, apareceu morto num beco. Ninguém sabia quem fizera o serviço, o corpo foi para a medicina legal, sem ser reconhecido e uma família, com uma moça estuprada, nunca mais ouviu falar de seu chefe. A vida continuou.

Acontece que o Zé foi trabalhar de ajudante de pedreiro, exatamente na casa do pai do Rodolfo, onde estavam sendo realizadas ampliações e reparos. Era uma mansão. Enquanto carregava material e coisa e tal, o Zé ficava vidrado nas peças que se deliciavam nas duas piscinas. Duas eram filhas da casa e outras duas amigas. Para o Zé, aquelas visões eram o céu. Ficava que era o demônio de vontade de chegar mais perto. No terceiro dia, quando as

peças foram para o vestiário, não agüentou. Correu até lá e instalou as *botucas* numa fresta aberta na janela, focalizando as gurias peladinhas. Se regalava naqueles segundinhos, quando uma voz gritou: “peguem o tarado”!... Só entendeu que era com ele, quando levou uma bordoadada do guarda da mansão, que o algemou imediatamente. O dono da casa foi chamado às pressas e a polícia, também. O cara chegou, tomou conhecimento do fato e ficou rubro de fúria, dizendo os diabos ao Zé, que se encontrava amarrado e com a fuça sangrando e a bicanca inchada de levar porradas. Quando a polícia chegou, toda solícita com o ricaço, ouviu dele a acusação de que o Zé seria uma constante ameaça para as famílias e para as moças indefesas. Como perigoso tarado, deveria ser afastado do convívio comunitário. Ele apanhou mais, ali mesmo, depois foi atirado dentro do tintureiro e nunca mais. Rodolfo, o impetuoso, acoitado e seguro. Pode?...